

JORGE MOLDER

OBRAS DA COLEÇÃO DE SERRALVES

25.11.24 — 30.03.25
Museu da Guarda

SERRALVES FORA DE PORTAS OUT OF DOORS

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Organização Organisation

Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

Curadoria Curator

Isabel Braga

Produção e Assistência Curatorial Production and Curatorial Assistant

Carlos Magalhães

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

Texto Text

Isabel Braga

Coordenação Coordination

Carlos Magalhães; Sílvia Sacadura

Edição Copy-editing

Gisela Leal

Tradução Translation

Rui Cascais Parada

Créditos fotográficos Photographic credits

© Filipe Braga, Fundação de Serralves

Agradecimentos Acknowledgements

Jorge Molder

JORGE MOLDER

OBRAS DA COLEÇÃO DE SERRALVES

“O erro é o aspeto mais importante do meu trabalho. O erro e o acaso. O acaso no sentido de deixar as coisas mostrarem-se. Manifestarem-se.”

‘Error is the most important aspect of my work. Error and chance. Chance in the sense of letting things show themselves. Manifest themselves.’

Jorge Molder¹



Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001

A presente exposição reúne uma seleção de obras de Jorge Molder (Lisboa, 1947), feita a partir de um conjunto mais vasto existente no acervo de Serralves.

O trabalho de Molder é comumente conhecido pelas suas fotografias a preto e branco, em que se autofotografa, trajando invariavelmente fato escuro e camisa branca. De facto, e sobretudo a partir de meados da década de 1980, o recurso à autorrepresentação (rosto, mãos, corpo inteiro) tem sido uma constante na sua obra. Contudo, é importante estabelecer a diferença entre autorrepresentação e autorretrato. Este último pressupõe a representação de características físicas e psicológicas do retratado, sendo esse o seu objetivo principal. A autorrepresentação é a utilização da própria imagem na interpretação de um outro personagem. Apesar de esta distinção não ser absolutamente clara e de poder haver pontos em que ambas se contaminam, pode dizer-se que Molder não faz autorretratos, mas sim autorrepresentações. O artista cria duplos, representa-se a si próprio na pele de outros, o que está naturalmente relacionado com a ficção, a encenação, a interpretação e a dramaturgia. No entanto, as personagens criadas e encarnadas são vagas e indistintas e não pertencem a nenhuma narrativa particular.

Molder trabalha com uma grande economia de meios – o seu corpo, raros adereços –, com grande rigor e recorrendo a artifícios que lhe permitem controlar todo o processo de trabalho. A escolha da fotografia a preto e branco não terá sido alheia a isto já que, como o artista diz numa das suas entrevistas, “preciso de controlar o que faço”². E, pelo menos até ao aparecimento da fotografia digital, era muito complicado controlar a cor. Esta economia, esta simplicidade de recursos e artifícios contrapõem-se à complexidade de sentidos e de possibilidades que os seus trabalhos encerram.

1 Jorge Molder, “Molder, modo de usar”, entrevista ao jornal *Público*, disponível em <https://www.publico.pt/2010/02/07/jornal/molder--modo-de-usar-18696715> (acedido a 16 de março de 2021).

2 Jorge Molder, “Eu sou um construtor, um criador de imagens”, entrevista à revista *Mutante*, disponível em <https://mutante.pt/2013/12/jorge-molder/> (acedido a 16 de março de 2021).

A vida e a sua natureza incerta e imprevisível, o quotidiano, as referências culturais do artista provenientes da literatura, do cinema, da música ou da história da arte são fundamentais na sua obra, na medida em que podem constituir o ponto a partir do qual se pode derivar e construir algo. A contaminação entre diversas referências, a conjugação de várias possibilidades de combinação, o acaso, a aleatoriedade e as coincidências alimentam e alicerçam o pensamento artístico de Jorge Molder. A deriva, as associações e as transformações não acontecem de forma sistemática, a liberdade é total, as possibilidades são infinitas.

A serialidade é outra característica da sua produção artística e adquire aqui um duplo sentido. Por um lado, é a forma de organizar as imagens desenvolvidas a partir de determinado tema ou ideia. Por outro, é o resultado da forma como o artista desenvolve, de forma iterada e até exaustiva a criação das suas figuras. A série acentua, apenas aparentemente, a vertente ficcional e narrativa da sua obra, pois na verdade não encerra em si qualquer ordem determinada. Prova prática disto é a liberdade que Molder dá ao curador e à forma como as suas obras circulam, pois habitualmente não faz questão de que cada série seja apresentada integralmente, nem impõe qualquer ordem à sequência por que as fotografias são instaladas. As séries constituem antes um conjunto de situações com as quais se pode jogar e que convocam a subjetividade do espectador na construção de uma possível narrativa. É justamente esta abertura, esta liberdade, que permite estabelecer uma teia de relações, revelando um ambiente muito pessoal onde o instrumento principal é o próprio corpo do artista.

O tempo é um aspeto importante no seu trabalho, tanto por via das séries e pelas suas aparentes sugestões de narrativa, como por via do natural envelhecimento do próprio corpo do artista ao longo dos anos e das suas vivências e referentes que funcionam como gatilhos para as suas séries. Através dos títulos

que atribui às séries, Molder fornece falsas pistas ao espectador. Estes não pretendem esclarecer nem enunciar temas, mas sim sugerir múltiplos caminhos e associações. São indícios que conduzem a um complexo cruzamento de referências capazes de gerar uma infinidade de derivações, às vezes confundindo, às vezes ironizando.

A série mais antiga aqui apresentada é **“T. V.”** (1995). Se, à primeira vista, a sigla T.V. pode levar a pensar em algo relacionado com televisão, uma pesquisa sobre o artista rapidamente dará a perceber que, na verdade, se trata das iniciais da expressão *tropo vero*, uma célebre frase que terá sido proferida pelo Papa Inocêncio X quando confrontado com o seu retrato feito por Velázquez. Esta pintura do século XVII, que o célebre pintor irlandês Francis Bacon (Dublin, Irlanda, 1909 – Madrid, Espanha, 1992) trabalhou de forma obsessiva, é também objeto de interesse por parte de Molder, que nesta série trata a questão do retrato, a identidade e a sua representação, ao longo da história da arte. Molder ora amplia enormemente o rosto que ultrapassa os limites da fotografia, ora o reduz a uma mancha de luz que sobressai no fundo escuro da imagem.

Também as sete fotografias da série **“La Reine Vous Salue”** (2001) mostram ampliações do artista a que os contrastes de luz e sombra que conferem uma forte plasticidade dramática. A série baseia-se numa canção do compositor francês Francis Poulenc (Paris, França, 1899 - 1963) feita a partir de um poema de Maurice Carême (Wavre, 1899 - Anderlecht, Bélgica, 1978), um poeta belga francófono. Trata-se de uma abordagem poética sobre a memória, a vida e o mundo, com as suas leis e os seus mistérios.

“Tangram” (2004/08) é uma alusão ao jogo, à possibilidade de combinar, de acordo com determinadas regras, uma infinidade de possibilidades e de narrativas. O tangram é um jogo de origem chinesa composto por sete peças geométricas com

as quais, é possível formar, em teoria, mais de 5000 figuras. Também as mãos do artista, aqui fotografadas com uma Polaroid e posteriormente ampliadas, podem assumir inúmeras posições, como num jogo em que se experimenta, se constrói e se pensa a relação entre a arte e a vida.

“Zizi” e “Call for Papers” são duas séries recentes, ambas de 2013 e em nenhuma delas Molder recorre à autorrepresentação. Em **“Zizi”** (2013) temos cinco impressões de cores diferentes, correspondentes às cores do espectro luminoso e seguindo a mnemónica *Very (violet) Big (Blue) German (green) Yacht (yellow) Race (red)* e que devem ser apresentadas seguindo esta ordem – exceção nas regras do jogo ditadas pelo artista. Em cada uma destas impressões estão marcados riscos que lhes conferem textura e acrescentam informação, denotando uma possível relação com o mundo físico. Como é habitual em Molder, o título aponta caminhos mas não esclarece, deixando em aberto uma infinidade de possibilidades.

Nas duas fotografias pertencentes à série **“Call for Papers”** (2013) – em que Molder não recorre à autorrepresentação – veem-se vestígios que poderiam ter sido deixados por ações do quotidiano, como o que parece ser uma pegada e a marca circular de um copo. Relativamente a estas obras, diz o artista: “A esta série de imagens quase todos os nomes lhe calhavam. Traços, vestígios, indicações, imprecisões... Também se podia, curiosamente, chamar manifestações ou o seu contrário. Tem apontamentos de grande erudição e abundantes referências quotidianas, completamente impossíveis de localizar”³.

A exposição é completada com algumas publicações que mostram fotografias provenientes de outras séries, proporcionando desta forma uma visão mais abrangente da obra de Jorge Molder.

³ Ver http://www.galeriapedrooliveira.com/press/Press_CALL%20FOR%20PAPERS_PT-ENG.pdf (acedido a 16 de março de 2021).

Como vimos, referências culturais como a literatura, o cinema ou a música estão presentes na obra de Molder, que connosco partilhou algumas das obras literárias, cinematográficas e musicais que fazem parte da sua vida e que podem porventura ter alimentado, direta ou indiretamente, o seu pensamento artístico. Essas referências estão elencadas na secção Ler, Ver, Ouvir.

Sem título (da série "Tangram") (detalhe), 2004/08





Sem título (da série "T. V."), 1995

Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
102 x 102 cm

Col. Banco Privado Português, S.A. – Em Liquidação, em depósito
na Fundação de Serralves – Museu de Arte contemporânea, Porto.
Depósito em 2000

14



Sem título (da série "T. V."), 1995

Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
102 x 102 cm

Col. Banco Privado Português, S.A. – Em Liquidação, em depósito
na Fundação de Serralves – Museu de Arte contemporânea, Porto.
Depósito em 2000



Sem título (da série "T. V."), 1995

Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
102 x 102 cm

Col. Banco Privado Português, S.A. – Em Liquidação, em depósito
na Fundação de Serralves – Museu de Arte contemporânea, Porto.
Depósito em 2000

15



Sem título (da série "T. V."), 1995

Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
102 x 102 cm

Col. Banco Privado Português, S.A. – Em Liquidação, em depósito
na Fundação de Serralves – Museu de Arte contemporânea, Porto.
Depósito em 2000



Sem título (da série "T. V."), 1995
Gelatina sais de prata sobre papel
110 x 110 cm
Col. Peter Meeker, em depósito na Fundação de Serralves –
Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2000

16



Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001
Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
122 x 122 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Aquisição em 2021



Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001
Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
122 x 122 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Aquisição em 2021

17

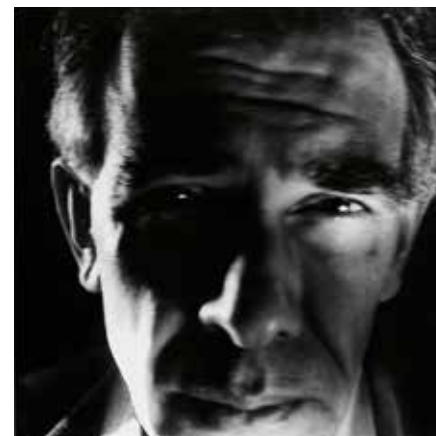


Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001
Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
122 x 122 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Aquisição em 2021



Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001
Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
122 x 122 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Aquisição em 2021

18

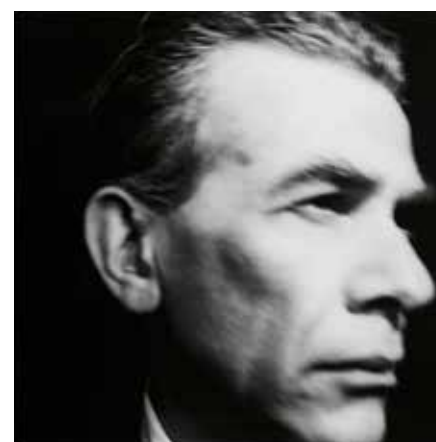


Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001
Gelatina sais de prata sobre papel
122 x 122 cm
Col. Peter Meeker, em depósito na Fundação de Serralves – Museu
de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2004

19



Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001
Gelatina sais de prata sobre papel. Ed. 1/3
122 x 122 cm
Col. Peter Meeker, em depósito na Fundação de Serralves – Museu
de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2001



Sem título (da série "La Reine Vous Salue"), 2001
Gelatina sais de prata sobre papel
122 x 122 cm
Col. Peter Meeker, em depósito na Fundação de Serralves – Museu
de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2004



Sem título (da série "Tangram"), 2004/08
Impressão digital a jato de tinta. Ed. 1/3
154 x 102 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2010



Sem título (da série "Tangram"), 2004/08
Impressão digital a jato de tinta. Ed. 1/3
154 x 102 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2010



Sem título (da série "Tangram"), 2004/08
Impressão digital a jato de tinta. Ed. 1/3
154 x 102 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2010



Sem título (da série "Tangram"), 2004/08
Impressão digital a jato de tinta. Ed. 1/3
154 x 102 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2010



Sem título (da série "Call for Papers"), 2013
Impressão a jato de tinta
152 x 101 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2013

22



Sem título (da série "Call for Papers"), 2013
Impressão a jato de tinta
152 x 101 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2013



Zizi, 2013
Impressão a jato de tinta (5 elementos)
152 x 101 cm (cada)
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.
Aquisição em 2013

23

LIVROS
BOOKS



1.



2.



3.



10.



11.



12.



4.



5.



6.



13.



14.



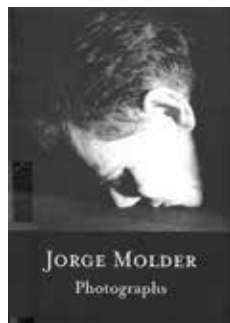
15.

24

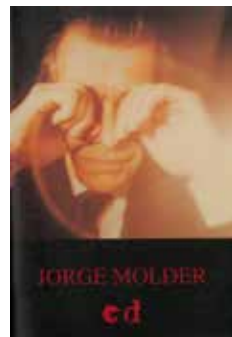
25



7.



8.



9.



16.



17.



18.



19.



20.

1. JORGE MOLDER: UM DIA CINZENTO, 1983

Lisboa: Assírio & Alvim

2. FOTOGRAFIAS DE JORGE MOLDER, 1987

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

3. L'OUBLI, 1988

Lausanne: Musée de l'Élysée

4. ZERLINA: UMA NARRATIVA, 1988

Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura

5. SEM TÍTULO, 1991

Lisboa: Loja Branca

6. THE SECRET AGENT, 1991

Lisboa: Difusão Cultural

7. ANATOMY AND BOXING, 1997

Porto: Centro Português de Fotografia

8. JORGE MOLDER: PHOTOGRAPHS, 1998

London: South London Gallery

9. JORGE MOLDER, 1998

Porto: Galeria Pedro Oliveira

10. LUXURY BOUND: PHOTOGRAPHS BY JORGE MOLDER, 1999

Lisboa: Assírio & Alvim

11. JORGE MOLDER: COMPORTAMENTO ANIMAL, 2006

Lisboa: Assírio & Alvim

12. ALGÚN TEMPO ANTES, 2006

Santiago de Compostela: Xunta Galícia

13. JORGE MOLDER: CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE, 2006

Coimbra: Centro de Artes Visuais

14. A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: FOTOGRAFIA DE JORGE MOLDER, 2009

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

15. JORGE MOLDER: PINOCCHIO, 2009

Lisboa: CHIADO 8 – Arte Contemporânea

16. JORGE MOLDER: OPERAÇÕES ESPECIAIS, 2011

Castelo Branco: Câmara Municipal

17. REI, CAPITÃO, SOLDADO, LADRÃO, 2013

Lisboa: Sistema Solar

18. UN DIMANCHE..., 2015

Lisboa: Documenta

19. JORGE MOLDER: RICO POBRE MENDIGO LADRÓN, 2015

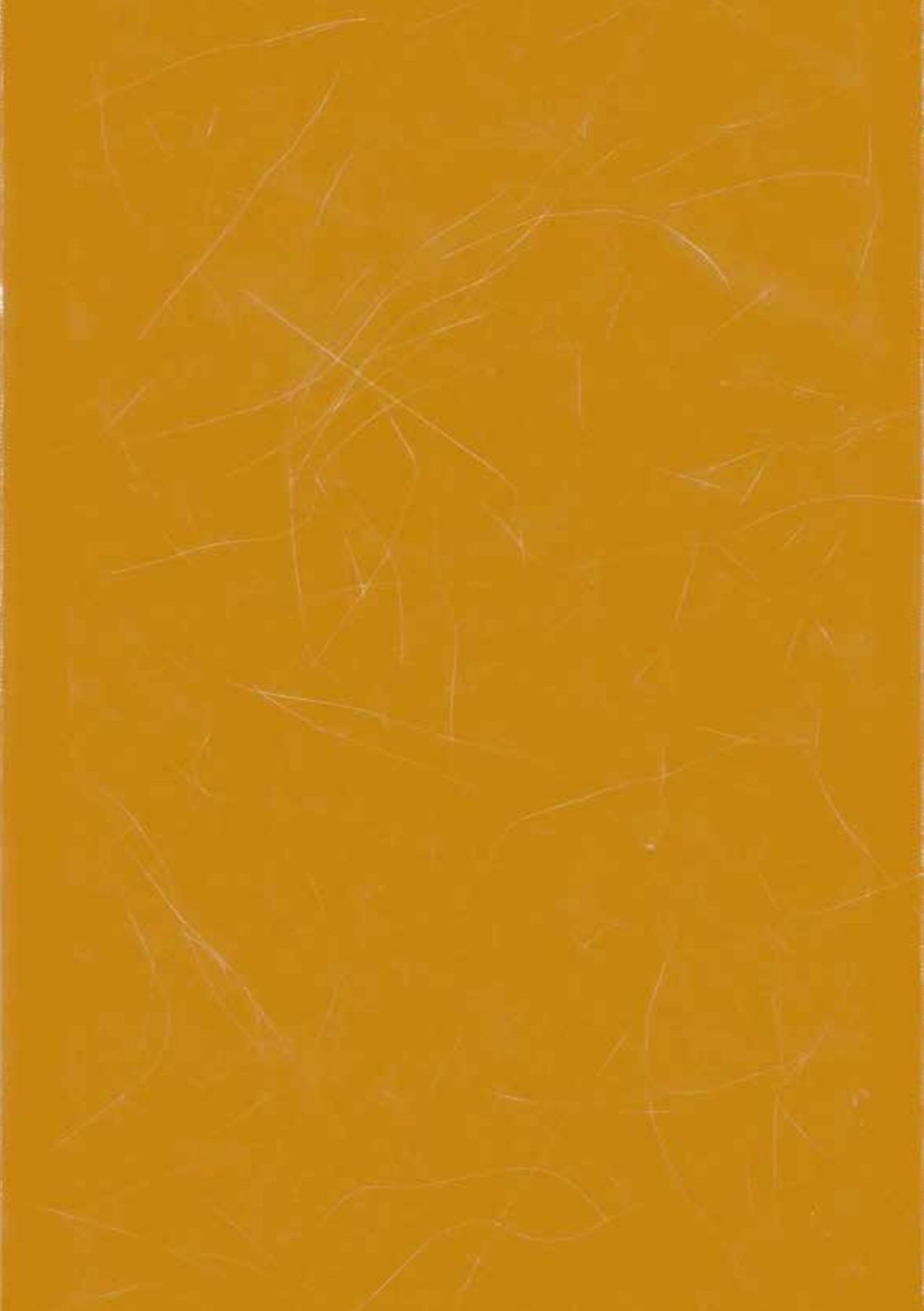
Madrid: Fundação EDP

20. JORGE MOLDER: JEU DE 54 CARTES, 2017

Santo Tirso: Museu Internacional Escultura Contemporânea

*Todas as publicações integram a Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.

All the publications are part of the Coll. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.



Zizi (detalhe), 2013

This exhibition gathers a selection of works by Jorge Molder (Lisbon, Portugal, 1947) made after an extensive set in the Serralves Collection.

Molder is mostly known for his black and white photographs, in which the artist photographs himself invariably wearing a dark suit and white shirt. In fact, and from the mid-1980s onwards, self-representation (face, hands, full-body) has been a constant in Molder's oeuvre. However, it is important to establish a difference between self-representation and self-portrait. The latter presupposes the representation of the portrayed subject's physical and psychological traits. Self-representation is the use of image itself in the playing of another character. Although this distinction is not entirely clear, as there are cross-contaminations between the two, it can be said that Molder does not create self-portraits, but rather self-representations. The artist creates doubles, representing himself in the skin of others, which bears a natural relationship with fiction, staging, acting and drama. However, the created and embodied characters are vague and indistinct, belonging to no narrative in particular.

Molder applies a great economy of means—he uses his own body, always in a dark suit and white shirt, and very few accessories –, great stringency and procedures that allow him to control the whole work process. His choice of black and white photography is intimately connected to this approach—as the artist says in one of his interviews 'I need to control what I do'.² In fact, at least until the advent of digital photography, it was very difficult to control colour. This economy and simplicity of resources are countered by the complexity of meanings and possibilities contained in his works.

1 Jorge Molder, 'Molder, modo de usar', interview to *Público* newspaper, available at <https://www.publico.pt/2010/02/07/jornal/molder--modo-de-usar-18696715> (accessed 16 March 2021).

2 Jorge Molder, 'Eu sou um construtor, um criador de imagens', interview to *Mutante* magazine, available at <https://mutante.pt/2013/12/jorge-molder/> (accessed 16 March 2021).

Life, with its uncertain and unpredictable nature, the everyday and the artist's cultural references gleaned from film, music or art history, are fundamental in his work as they may constitute anchor points for drifting and building something. The contamination between various references, the conjugation of several combination possibilities, chance, randomness and coincidence feed and scaffold Molder's artistic thought. Drift, association and transformation do not take place in a systematic form; freedom is utmost, possibilities are endless.

Seriality is another feature of his artistic production and its meaning is double. On the one hand, it organises the images generated from a certain theme or idea. On the other, it is the product of the artist's iterative, even painstaking, development and creation of his figures. The series accentuates the fictional and narrative aspect of his work, but does so apparently only because there is no rigid order to it. A practical proof is the freedom that Molder gives the curators as well as the way in which his works circulate. The artist does not insist on the integral presentation of each series, nor does he impose any order on the photographs' installation sequence. Instead, series constitute a set of situations to play with and convoke the viewer's subjectivity into building a possible narrative. This openness, this freedom, is precisely what allows for the creation of a web of relations revealing a very personal atmosphere in which the body of the artist is the main instrument.

Time is a crucial aspect of Molder's work, both through the series and their apparent suggestion of a narrative, and through the natural ageing of the artist's body across the years and the experiences and referents that operate as triggers for his series. Through the titles given to his series, Molder furnishes the viewers with false clues, which do not intend to clarify or enunciate themes, but rather to suggest multiple trajectories and associations. They are traces leading to a complex intersection of references capable of generating an infinity of derivations, at times creating confusion or irony.

The oldest series featured in the exhibition is **'T. V.'** (1995). While at first glance the acronym TV. could imply something related to television, a research on the artist quickly reveals that these are in fact the initials in the expression *tropo vero*, a famous phrase proffered by Pope Innocent X when confronted with his portrait by Velázquez. This seventeenth century painting, on which Irish painter Francis Bacon (Dublin, Ireland, 1909–Madrid, Spain, 1992) worked obsessively, also piqued Molder's interest, whose series examines the themes of the portrait, identity and its representation across the history of art. Molder either enlarges the face beyond the limits of the photograph, or reduces it to a speck of light hovering over the image's background.

The seven photographs in the series **'La Reine Vous Salue'** from 2001 are also enlargements whose contrasting light and shadow generate a powerful dramatic plasticity. The series is based on a song by French composer Francis Poulenc (Paris, France, 1899-1963) made from a poem by Maurice Carême (Wavre, 1899-Anderlecht, Belgium, 1978), a francophone Belgian poet. The series is a poetic approach to memory, life and the world's laws and mysteries.

'Tangram' (2004/08) is an allusion to the eponymous game and the possibility of combining endless possibilities and narratives according to certain rules. Tangram is a Chinese origin game consisting of seven geometrical pieces with which it is theoretically possible to combine over five thousand figures. The artist's hands, photographed with a Polaroid camera and then enlarged, can also assume countless positions, as in a game to experiment, build and think the relationship between art and life.

'Zizi' and 'Call for Papers' are two recent series (both from 2013) in which Molder does not resort to self-representation. **'Zizi'** consists of five prints in different colours, corresponding to the colours of the light spectrum and to be presented according to the order dictated by the mnemonics *Very (violet) Big (Blue)*

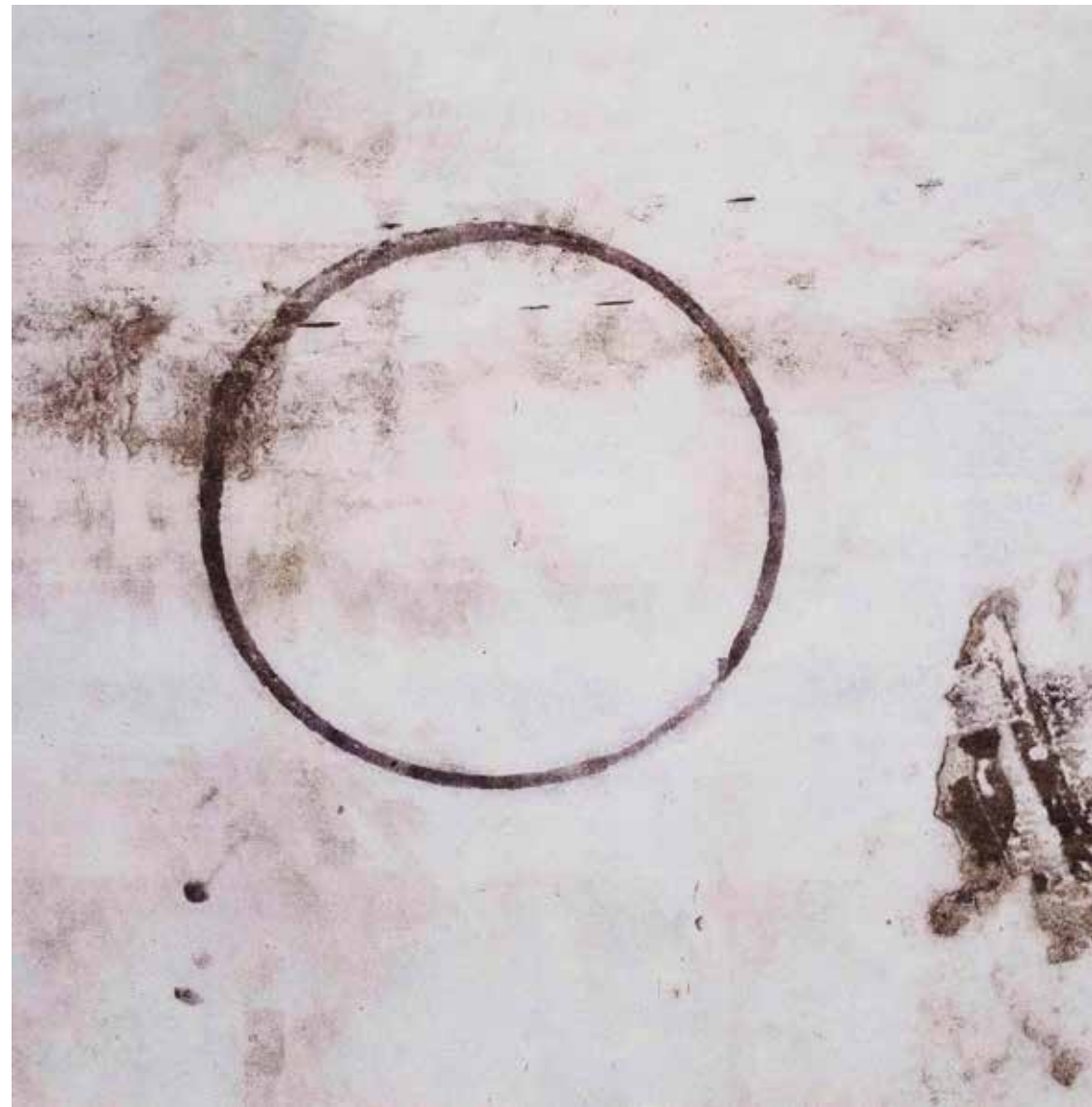
German (green) Yacht (yellow) Race (red)—an exception to the rules of the game established by the artist. On each print there are traces that give them texture and add information, denoting a possible relation with the physical world. As usual with Molder, the title points out directions but does not clarify them, thus opening up infinite possibilities.

In the two photographs belonging to the **'Call for Papers'** (2013) series—in which Molder does not resort to self-representation—there are marks that could have been left by everyday actions, such as what appears to be a footprint and the circular mark of a glass. On these works the artist has said: 'Almost any name would be suitable for this series of images: traces, remains, indications, inaccuracies... Curiously enough, they could have also been properly entitled manifestations (or their opposite). It contains quotes of vast erudition, as well as several everyday life references, which are completely impossible to identify'.³

The exhibition is completed with some publications that show photographs from other series, thus providing a more comprehensive view of Jorge Molder's work.

As we have seen, Molder's oeuvre abounds in cultural references from film, literature or music. In the following section—Read, See, Listen—the artist shares some of the literary, cinematographic and musical works that are a part of his life and might have, directly or indirectly, nurtured his artistic thought.

³ See http://www.galeriapedrooliveira.com/press/Press_CALL%20FOR%20PAPERS_PT-ENG.pdf (accessed 16 March 2021).



Sem título (da série "Call for Papers"), 2013

LER READ

Herman Melville, *Moby Dick*, Nova Iorque: Harper and Brothers, 1851
 James Joyce, *Ulysses*, Paris: Shakespeare and Company, 1922
 Erza Pound, *The Cantos*, 1925
 Samuel Beckett, *Murphy*, Londres: Routledge, 1938
 Samuel Beckett, *Molloy*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1951
 Georges Perec, *La Vie, mode d'emploi*, Paris: Hachette, 1978
 Georges Perec, *Un Cabinet d'amateur*, Paris: Editions du Seuil, 1979
 Herberto Helder, *Photomaton & Vox*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1979
 T.S. Eliot, *The Waste Land*, Nova Iorque: Buccaneer Books, 1992
 Michelangelo Pistoletto e la fotografia, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 1993
 Fernando Pessoa, "O guardador de rebanhos" in *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, Lisboa: Presença, 1994

VER SEE

Jean Renoir, *La Règle du jeu*, 1939
 John Ford, *How Green Was My Valley*, 1941
 Orson Welles, *Citizen Kane*, 1941
 Joseph Mankiewicz, *5 Fingers*, 1952
 Charles Laughton, *The Night of the Hunter*, 1955
 Federico Fellini, *Le notti di Cabiria*, 1957
 Alfred Hitchcock, *Vertigo*, 1958
 Alfred Hitchcock, *North by Northwest*, 1959
 Alain Resnais, *L'Année dernière à Marienbad*, 1961
 Jacques Demy, *Les Demoiselles de Rochefort*, 1967
 Jean-Pierre Melville, *Le Cercle rouge*, 1970
 Joseph Losey, *Monsieur Klein*, 1976
 Akira Kurosawa, *Kagemusha*, 1980

OUVIR LISTEN

Dmitri Shostakovich, *Waltz from "Jazz Suite No. 2"*, 1938
 Aaron Khachaturian, *Suite Masquerade*, 1944
 Michel Legrand, *The Jitterbug Waltz*, 1958
 Ron Carter, *Little Waltz*, 1966
 Pat Martino, *Waltz for Geri*, 1967
 Philip Catherine, *Waltz for Sonny*, 1976
 Dave Douglas Quartet, *02 Bal Masqué*, 1998
 Mark Andrews, *Waltz in the 4th Dimension*, 2001
 Wayne Horvitz, *Waltz from the Oven*, 2001
 Don Adler, *Talia's Waltz*, 2009
 The Stranglers, *Waltz in Black*, 2003

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção de Serralves integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

A presente mostra integra-se no programa de exposições e apresentação de obras da Coleção de Serralves, especificamente selecionadas para os locais de exposição com o objetivo de tornar o acervo acessível a públicos diversificados de todas as regiões do país.

The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection follows attentively the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between the visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.

The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection.

Jorge Molder: Works from the Serralves Collection is part of a programme of exhibitions and presentation of artworks from the Serralves Collection that are specifically selected for each location with the purpose of making the collection accessible to the public across all regions in the country.



A presente exposição reúne uma seleção de obras de Jorge Molder feita a partir de um conjunto mais vasto existente no acervo de Serralves. Ao longo da sua longa carreira, iniciada na década de 1970, Jorge Molder tem desenvolvido uma extensa obra fotográfica fundamentada maioritariamente na autorrepresentação. Em grande parte das suas séries, Molder autofotografa-se (rosto, mãos, corpo inteiro), criando duplos, representando-se a si próprio na pele de outros e sugerindo aparentes narrativas.

The exhibition brings together works by Jorge Molder selected from a more extensive set in the Serralves collection. Throughout his long career, which started in the 1970s, Jorge Molder has developed a vast photographic *œuvre* based mostly on self-representation. In the majority of his series, he photographs himself (the face, the full body or the hands) to create doubles, representing himself in the skin of others and suggesting apparent narratives.

www.serralves.pt



MUSEU DA GUARDA
RUA ALVES ROÇADAS Nº 30, 6300-633 GUARDA

CONTACTOS CONTACTS
+351 271 213 460 | museu.guarda@mun-guarda.pt

HORÁRIO SCHEDULE
Terça a domingo Tuesdays to Sundays: 9h00 – 12h30; 14h00 – 17h30

Apoio Institucional
Institutional Support

